



HEMEROTECA  
MUNICIPAL  
DE LISBOA

**ORTIGÕES: CHRONICA DO MEZ, PERFIS DIVERSOS, SATYRAS DA ACTUALIDADE<sup>1</sup>** é uma publicação mensal cuja existência se prolongou ao longo de 8 números, de Outubro de 1876 a Maio de 1877. A direcção coube a Urbano [José de Sousa] Loureiro (1845-1880), jornalista e escritor nascido no Porto e falecido em São Mamede de Infesta. A edição é da Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos (Santo Ildefonso, 8-10, Porto). Impresso na Tipografia Ocidental (Picaria, 50-54), apresenta-se brochado, com 64 páginas por número. A gravura das capas está assinada por “Santos”. A publicação é dedicada ao “antigo mestre de francez e actual redactor das Farpas, J. D. Ramalho Ortigão, como grata recordação dos seus bôlos d’outr’ora e muita consideração pelos seus modernos escriptos”. O preço avulso é de 180 réis e por assinatura a 120 réis.

## CONTEXTO HISTÓRICO E PROGRAMA

Esta publicação nasce sob o signo de Ramalho Ortigão (1836-1915), e curiosamente é editada na freguesia portuense de Santo Ildefonso, onde nascera aquele escritor. Em parceria com Eça de Queirós (1845-1900), surgem, em 1871, os primeiros folhetos de *As Farpas*, continuadas no ano seguinte apenas por Ramalho Ortigão, pela saída de Eça de Queiroz, de Lisboa para Havana. A Geração de 70 estava no auge, pretendendo aproximar Portugal das sociedades modernas europeias, cosmopolitas e anticlericais.

Neste contexto, o que importaria aos responsáveis de um novo periódico seria noticiarem com uma sátira permanente e uma observância atenta à imprensa portuense. Pelo que, assumidamente, não houve um programa mais substancial do que isso para a criação deste periódico:

“Não nos peçam programma, que não lh'o daremos. Foi resolvido isso agora, em sessão magna comnosco mesmo, e a razão é das mais simples – porque não temos confiança em nenhum, incluindo o que rasgamos ha pouco, destinado a servir de introdução a estes opusculos.”<sup>2</sup>

O director critica todos os programas políticos, de imprensa e outros. No final, refere:

“Os leitores que façam o nosso programma a seu modo, aos poucos ou d’um só jacto, e que o vão modificando ao passo que se fôrem adiantando no exame do corpo de delicto.

<sup>1</sup> Disponível na Hemeroteca Digital, em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Ortigoes/Ortigoes.htm>

<sup>2</sup> N.º 1, p. 6.

No fim da obra o programma deverá estar completo, como o índice d'um dictionario ao qual não falte uma só folha de texto – se não quizerem imitar-nos, dispensando-o inteiramente.”<sup>3</sup>

## CONTEÚDOS

Em jeito de sátira, lembrando a frase “La satyre, comme la conscience, nous rapelle ce que souvent nous voudrions oublier.” (Madame de Blessington), este periódico começa por falar de causa própria, ou seja, de jornais e jornalistas – “Fallemos um pouco de nós, – de nós, os que nos decoramos com o titulo de escriptores publicos, de nós os que nos dizemos jornalistas”.

“A imprensa periodica, dizem, é um poderoso instrumento civilísador no meio dos povos, é uma famosa alavanca para erguer o nivel das gentes pela cultura do espirito, é uma tribuna, d’onde se préga, a um auditorio disperso pela superficie do globo, tudo o que póde interessar ao futuro progresso, ao bem-estar da humanidade; é a vastissima arena aonde concorrem todos os grandes lidadores da palavra escripta em defeza do seu ideal scientifico, litterario, politico, social, proclamado aos quatro ventos como pregão das antigas justas; é o cadinho enorme onde se apura o ouro das grandes verdades, e d’onde se evaporam as fezes dos falsos princípios”.<sup>4</sup>

Daí o “assombro” de fundar um novo periódico, cuja tramitação normal e descrita de uma forma irónica não interessa a quem lançou estes *Ortigões*. As notícias do quotidiano também perpassam por aqui, publicação de “perfis diversos”, tal como diversa é a sequência das sátiras, dispostas de uma forma avulsa, sem que nada se relacione com nada, apenas a sátira do jornalista a uni-las.

Dá-se conta de que “houve corridas de cavallos no começo da primavera e no começo do outomno em Lisboa, no hyppodromo de Belem, e no Porto, no hyppodromo de Mathosinhos”. Mas é sobre a utilidade destas corridas que o periódico justifica a inserção da notícia.

“Que os cavallos das corridas não servem para o trabalho quotidiano, para o serviço da industria, da agricultura; que um d’esses animaes, que devora um kilometro em dois minutos e vinte segundos, ficaria inutilisado ao cabo de dose horas de jornada; que nunca servirão senão para aquillo; que não passarão d’um traste de luxo.

Ora, em verdade, estarmos a pagar com o nosso dinheiro o luxo de meia duzia de individuos, que se deram o luxo de meia duzia de cavallos corredores, quando a este luxo temos tanta miseria a oppor e a combater, affigurase-nos luxo de mais.”<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Idem, p. 8.

<sup>4</sup> Idem, pp. 9-10.

<sup>5</sup> Idem, p. 23.

Adianta que melhor seria se o dinheiro gasto fosse “applicado para uma exposição hippica anual”.

“Por conseguinte, que desapareçam os subsidios officiaes e semi-officiaes para as corridas, das quaes não advem beneficio algum para o apuramento das raças, e se inaugurem no seu logar as exposições de que ha tudo a esperar, incluindo a integridade das costellas dos jockeis.”<sup>6</sup>

A dança das cadeiras ministeriais também é motivo de troça:

“Disseram os jornaes políticos d'este mez que houve recomposição ministerial, porque o snr. Barjona, que era ministro das justiças passou para o logar vago de conselheiro do tribunal de contas, o snr. Avelino, que era ministro das obras publicas, passou para o logar vago de ministro das justiças, e o snr. Lourenço de Carvalho, que era engenheiro civil, passou para o logar vago de ministro das obras publicas.”<sup>7</sup>

Os duelos eram uma prática corrente no País. A existência da prática da defesa da honra através de duelo exercia importante papel nos rituais de reconhecimento de intelectuais no contexto da sociedade e dos grupos da elite aristocrática em particular. Nesta publicação, o tema é tratado com a sátira esperada:

“Há pouco inseriam os jornaes que um duello, por amor de certa dama do theatro, estava imminente e que, *d'esta vez*, deveria ter um desfecho fatal, attenta a bravura e arreganho dos combatentes, que, diga-se de passagem, não sabiam pegar n'uma espada nem apontar uma pistola. Mas esta ultima circumstancia não faria senão augmentar o interesse e as peripecias do combate, caso a pistola fosse a arma escolhida, porque, se os adversarios ficassem incolumes, lá estavam os padrinhos a distancia para aproveitarem as cargas.

Comtudo o duello não se effectuou.”<sup>8</sup>

A sequência continua, desde a notícia da morte do embaixador Duque de Saldanha, em Londres, “um grande genio, a quem a humanidade ou a patria deva um dos seus mais sublimes inventos ou uma das suas mais bellas instituições”, sobre quem esta publicação não entende “a dôr postíça dos necrologios e a lagrima ausente das pranteadeiras”<sup>9</sup> da outra imprensa da época.

Esta imprensa, contudo, não perdia a exposição realizada no Palácio de Cristal, no Porto, “de gallinhas, pombas, frangos, patos, etc., a qual chamou ali

---

<sup>6</sup> Idem, p. 25.

<sup>7</sup> N.º 2, p. 4.

<sup>8</sup> Idem, p. 11.

<sup>9</sup> Idem, pp. 37-38.

muitos curiosos, amadores não só dos bipedes emplumados, as aves, mas também d'esses outros bipedes não menos emplumados, as mulheres.”<sup>10</sup>

E é com fina ironia que o artigo refere, a dado passo, não deixando, antes, de se referir à parca notícia do *Comércio do Porto* acerca deste evento:

“De tempo a tempo a voz estridente d'um gallo, o cacarejar afflicto d'uma galinha ou o berro desentoadado d'um pato, cortando esse rumor vago, extenso das grandes aglomerações, mixto de vozes e de passos casado com o rugeruge dos vestidos de seda e o sussurro das saias engommadas, produzia um effeito estranho.”<sup>11</sup>

Se a sátira é o suporte desta publicação, não deixa de ser curioso que os seus responsáveis sejam sensíveis à crítica, sobretudo vinda de outros periódicos portuenses, e lhes respondam:

“Temos provado que, se no meio de que lançamos mão para conhecer os jornalistas portuenses, – a repartição de fazenda – não é infallivel (nós dissemos «á falta de dados mais positivos»), o que a Critica teve a bondade de nos apontar não é isempto de inconvenientes, e pouco mais adiantaria.”<sup>12</sup>

Uma permanente compita entre “colegas” até às últimas páginas do periódico.

Por Jorge Mangorrinha  
Lisboa, Hemeroteca Municipal, 1 de Março de 2016

## BIBLIOGRAFIA

Loureiro, Urbano – *Ortigões: chronica do mez, perfis diversos, satyras da actualidade*. Porto: Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos, 1876-1877.

---

<sup>10</sup> Idem, p. 43.

<sup>11</sup> Idem, p. 44.

<sup>12</sup> N.º 1, p. 64.